



DGS desde
1899
Direção-Geral da Saúde

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE VACINAÇÃO

Direção de Serviços de Prevenção da Doença e Promoção da Saúde

Atualizado em

abril 2015

PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE VACINAÇÃO

O conteúdo desta página é meramente informativo e educativo, e não foi elaborado para substituir ou modificar as prescrições ou indicações do seu médico ou outro profissional de saúde. Igualmente não se destina a definir se uma determinada vacina é adequada para uma determinada pessoa.

Este conteúdo foi actualizado e as perguntas novas estão assinaladas.

Vacinação em geral

As vacinas atuam sobre o sistema imunitário para estimularem a produção de anticorpos contra um determinado agente infeccioso, evitando que a pessoa vacinada venha a ter essa doença quando entra em contacto com aquele microrganismo.

P: O que é uma vacina?

R: Uma vacina é uma preparação antigénios (partículas estranhas ao organismo), que administrada a um indivíduo provoca uma resposta imunitária protetora específica de um ou mais agentes infecciosos.

- Os antigénios das vacinas podem ser vírus ou bactérias inteiros, mortos ou atenuados, ou fragmentos desses microrganismos, por exemplo, partes da parede celular de uma bactéria, uma toxina inativada, etc...
- O antigénio escolhido para uma vacina deve ser "imunogénico", ou seja, deve desencadear uma reação imunitária e não provocar a doença.
- As vacinas são consideradas medicamentos, mas apresentam várias diferenças assinaláveis relativamente aos medicamentos clássicos, tal como identificado na seguinte tabela:

	Vacina	Medicamento
Ação	Preventiva	Terapêutica
Benefício	Individual e coletivo O efeito não é perceptível (não contrai a doença)	Individual O efeito é visível (normalmente ocorre melhoria)
Indivíduos	Saudáveis	Doentes

Adaptado de: <http://www.vacinas.com.pt/vacinas/o-que-sao-vacinas>

P: Como são produzidas as vacinas?

R: Os processos de produção das vacinas são diversos:

- Enfraquecendo ou "atenuando" o microrganismo através de culturas sucessivas (p. e. a vacina contra o sarampo, rubéola e papeira).
- Extraíndo do microrganismo as partes que desencadeiam a resposta imunitária (p. e. a vacina contra a meningite C)

- Inativando (enfraquecendo) a toxina que o microrganismo produz (p. e. a vacina contra o tétano)

Nalguns casos, podem ser incluídas numa mesma vacina mais do que um microrganismo – são as chamadas vacinas combinadas (p. e. vacina contra a difteria, tétano, tosse convulsa).

P: As vacinas são seguras?

R: Após tantos anos de experiência e muitos milhões de vacinas administradas em todo o mundo, pode afirmar-se que as vacinas têm um elevado grau de segurança, eficácia e qualidade.

P: Como são autorizadas as vacinas?

R: Uma vacina para ser utilizada percorre um longo caminho e atravessa diferentes fases ao longo de vários anos:

- Fase inicial: investigação em laboratório e em animais
- Fases de ensaio em humanos; estas fases duram normalmente vários anos e constam de 3 etapas. I, II e III, em que, e de acordo com princípios éticos rigorosos e ênfase na segurança e eficácia, as vacinas candidatas vão sendo progressivamente aplicadas a um número maior de pessoas
- Fase após a introdução da vacina na comunidade: vigilância estreita da eficácia a longo prazo e do eventual aparecimento de raros efeitos indesejáveis

P: Por que motivo nos devemos vacinar?

R: A Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta 7 razões que justificam a importância da vacinação:

1. **As vacinas salvam vidas:** antes da introdução da vacinação de rotina das crianças as doenças infecciosas eram a principal causa de morte na infância, e eram também causa de muito sofrimento e de incapacidade permanente.
2. **A vacinação é um direito básico de todos os cidadãos:** com a criação dos programas nacionais de vacinação conseguiu-se atingir uma percentagem elevada de cidadãos vacinados contra as doenças alvo desses programas, conseguindo controlar as doenças evitáveis pela vacinação, com uma enorme diminuição do número de mortos e de incapacidades.
3. **Os surtos de doenças evitáveis pela vacinação são ainda uma séria ameaça para todos:** atualmente, devido ao sucesso dos programas de vacinação, a maioria das pessoas desconhece a gravidade das doenças evitáveis pela vacinação, não se apercebendo da importância e dos ganhos conferidos pelas vacinas. No entanto, com exceção da varíola, considerada erradicada pela OMS em 1980, os microrganismos responsáveis pelas doenças evitáveis pela vacinação continuam a existir na comunidade, sendo uma ameaça à saúde de todos os que não estão protegidas pelas vacinas. Como exemplo, temos os surtos de sarampo, com mais de 30.200 casos em 36 países europeus em 2011, com 9 mortes registadas nos últimos 3 anos. Estes surtos ocorreram maioritariamente em pessoas não vacinadas. Outro exemplo é o surto de poliomielite no Tadjiquistão em 2010 (país livre desta doença desde 1996), que teve

origem num doente vindo do norte da Índia (onde ainda existia circulação do vírus da poliomielite) e na baixa percentagem de população vacinada naquele país.

4. **As doenças podem ser controladas e eliminadas:** com uma vacinação sustentada e em grande escala as doenças como o sarampo podem ser eliminadas da Europa, à semelhança do que ocorreu com a poliomielite e como já sucedeu com a varíola. Para que tal seja possível, é necessário que uma percentagem muito grande da população adira aos programas nacionais de vacinação.
5. **A vacinação é custo-efetiva,** ou seja, o seu custo compensa largamente os custos associados ao tratamento das doenças e das suas complicações (incluindo a morte).
6. **As crianças dependem do sistema de saúde dos respetivos países para terem acesso à vacinação gratuita e segura:** os programas nacionais de vacinação permitem que todas as pessoas recebam as vacinas de acordo com a sua idade e em serviços de saúde competentes.
7. **Todas as crianças devem ser vacinadas:** para se conseguir controlar uma doença, é necessária uma grande proporção de pessoas vacinadas. A eliminação do sarampo, por exemplo, requer que pelo menos 95% das pessoas estejam vacinadas. Cada pessoa não vacinada corre o risco de adoecer e aumenta o risco de transmitir a doença na comunidade.

P: O que é o Programa Nacional de Vacinação (PNV)?

R: O PNV é um programa universal gratuito e acessível a todas as pessoas presentes em Portugal. Tem por objetivo proteger os indivíduos e a população em geral contra as doenças com maior potencial para constituírem ameaças à saúde pública e individual e para as quais há proteção eficaz por vacinação. A nível individual pretende-se que a pessoa vacinada fique imune à doença ou, nos casos em que isso não é possível, tenha uma forma mais ligeira da doença quando contactar com o agente infeccioso que a causa. A nível da população pretende-se eliminar, controlar ou minimizar o impacto da doença na comunidade, sendo necessário que a percentagem de pessoas vacinadas na população seja a mais elevada possível.

P: Porque é que há vacinas que fazem parte do PNV e outras não?

R: As vacinas que integram o PNV são as vacinas consideradas de 1ª linha, isto é, comprovadamente eficazes e seguras e de cuja aplicação se obtêm os maiores ganhos em saúde. O PNV é regularmente revisto e atualizado pela DGS, após proposta de uma Comissão Técnica de Vacinação (CTV) em função das vacinas disponíveis, da frequência e distribuição dessas doenças no nosso país, e da evolução social e dos serviços de saúde. Em 1965, ano da implementação do PNV, este conferia proteção contra 6 doenças, enquanto o PNV em vigor (PNV 2012) confere proteção contra 12 doenças. Algumas das vacinas não incluídas no PNV, embora confirmem proteção a quem as toma, não demonstraram, até à data, proporcionar tantos ganhos na saúde da população como as do PNV.

P: Quais são os efeitos secundários das vacinas?

R: Em geral, os efeitos causados pelas vacinas são ligeiros e desaparecem sem ser necessário tratamento, como dor ou vermelhidão no local da injeção ou um aumento ligeiro da temperatura ou dor de cabeça.

Em raríssimos casos podem verificar-se reações secundárias mais sérias, mas os serviços de vacinação estão treinados para as controlar. De qualquer modo, como prevenção, é sempre aconselhada a permanência no serviço de vacinação por 30 minutos a seguir à administração de qualquer vacina.

P: Porque é que há pessoas que têm mais receio das vacinas do que das doenças que elas evitam?

R: Há algumas décadas atrás, milhares de crianças e adultos morriam ou ficavam incapacitados por doenças como a varíola, a difteria, a tosse convulsa, a poliomielite e o sarampo. Hoje em dia a situação é muito diferente, devido aos programas de vacinação, que permitiram erradicar a varíola e controlar as outras doenças. A maioria dos pais de hoje, e também alguns profissionais de saúde, nunca viram uma criança paralisada por poliomielite, a sufocar por causa da difteria, com lesões cerebrais por causa do sarampo, ou a morrer por causa de uma tosse convulsa, não tendo portanto a noção da gravidade dessas doenças e dos benefícios incalculáveis conferidos pela vacinação em larga escala.

P: As vacinas causam dor ao meu filho quando são administradas?

R: O incómodo causado pela injeção é habitualmente um desconforto momentâneo, que pode ser minorado distraíndo a criança e evitando demonstrar ansiedade durante o ato vacinal. Se o desconforto persistir, pode fazer-se uma ligeira massagem local ou aplicar um pouco de gelo, sem fazer pressão. Os bebés podem ser amamentados enquanto estão a ser vacinados ou logo depois.

P: Que intervalo é necessário respeitar entre a administração de diferentes vacinas?

R: As raras situações em que se deve respeitar um intervalo mínimo de 4 semanas referem-se à administração de duas vacinas “vivas”, quando não são administradas no mesmo dia. Estas situações são bem conhecidas dos profissionais de saúde e não se aplicam ao esquema recomendado no PNV, que apenas inclui duas vacinas “vivas” (BCG ao nascer e VASPR aos 12 meses). Os intervalos entre as doses de vacinas recomendados no PNV permitem a aquisição de proteção contra o maior número de doenças o mais precocemente possível.

P: Ao fim de quanto tempo depois de levar uma vacina é que se fica protegido contra a doença a que ela se destina?

R: O tempo até se atingir a proteção contra a doença depende da vacina. Para algumas vacinas, por exemplo contra a difteria, tétano e tosse convulsa são necessárias 3 doses em intervalos recomendados para que se considere que existe proteção completa contra essas doenças, sendo também necessários reforços regulares para manter essa proteção ao longo do tempo. Mesmo nas vacinas que necessitam de várias doses, após cada administração já poderá haver alguma proteção (incompleta), que surge geralmente 2 semanas ou mais após cada dose.

P: O meu bebé é prematuro. Quando é que ele poderá ser vacinado?

R: Os bebés prematuros têm menos anticorpos recebidos da mãe através da placenta do que as crianças nascidas com tempo de gravidez normal, pelo que as doenças podem ser mais graves nesses bebés. Assim, a vacinação não deve ser adiada. As únicas exceções são a vacina BCG, que só deverá ser dada quando a criança atingir os 2 quilos de peso, e a vacina contra a hepatite B, que deverá ser dada ao fim do 1º mês de vida ou quando o bebé atingir os 2 quilos (o que se verificar primeiro).

Questões práticas sobre vacinação

P: Tenho de levar o meu filho ao centro de saúde para uma terceira dose de uma vacina. Mas como vamos viajar nas férias, não estaremos em Portugal nessa altura. Posso antecipar a vacina?

R: Por determinadas razões, por motivo de uma epidemia ou de natureza clínica, para aproveitar oportunidades de vacinação ou outras, pode ser necessário encurtar os intervalos entre doses da mesma vacina. Nestes casos devem respeitar-se sempre os intervalos mínimos aconselhados. Deverá dirigir-se ao seu centro de saúde para saber se a criança pode ser vacinada antes ou se apenas o deverá fazer quando regressar de férias.

P: Que devo fazer se o meu filho tiver uma vacina atrasada?

R: Se por qualquer motivo houver atraso numa vacina, dirija-se ao serviço de vacinação do seu centro de saúde para lhe ser administrada a vacina em falta, mesmo que já tenham sido ultrapassados os prazos recomendados. Deverá sempre levar consigo o Boletim Individual de Saúde, de modo a ser registada a vacina que receber.

P: Tenho um filho que foi vacinado pelo PNV de 2006 e agora tive outro bebé está a ser vacinado de acordo com o PNV de 2012. Estranhei muito a alteração que sofreu a vacina contra a meningite C. Como se explica uma mudança tão grande em apenas 6 anos?

R: A alteração do esquema vacinal contra a vacina da meningite C teve a ver com as grandes alterações epidemiológicas da doença, durante esse período, resultado de uma grande percentagem de crianças e adolescentes vacinados, o que permitiu atingir aquilo a que se chama imunidade de grupo. Este facto teve com consequência a redução de casos de meningite para 0 (zero) nos menores de 1 ano de idade. A atual dose aos 12 meses de idade garante uma proteção eficaz e duradoura.

A vigilância desta e de outras doenças pelos serviços de saúde, que existe há vários anos e que permite acompanhar a sua evolução ao longo do tempo, possibilita adequar o esquema vacinal à evolução observada, de modo a que a política vacinal seja sempre a que mais beneficia a saúde da população. As modificações dos esquemas de vacinação são avaliadas pelos peritos da CTV, por instituições e por sociedades científicas, que, de acordo com a evidência científica mais atual e as alterações nos comportamentos das doenças, propõem essas alterações.

P: Sempre vivi em Portugal mas agora vou viver para outro país. Como posso comprovar que tenho as minhas vacinas em dia?

R: Deverá requerer junto dos serviços da embaixada do país para onde vai residir a tradução do seu Boletim Individual de Saúde. Os calendários vacinais são diferentes de país para país e estão de acordo com a realidade local das doenças, pelo que é de toda a conveniência que siga o esquema do país onde vai residir. Quando regressar a Portugal, e se for caso disso, poderá sempre atualizar o esquema de acordo com o PNV nacional.

P: Sou cidadão estrangeiro e venho residir com a família para Portugal. Onde posso vacinar os meus filhos?- NOVA!

R: É importante ter o calendário vacinal atualizado de acordo com o PNV de Portugal, que foi definido de acordo com a realidade epidemiológica e as prioridades no controlo ou eliminação das doenças evitáveis pela vacinação. Dirija-se ao centro de saúde da sua área de residência em Portugal, com os boletins/registo de vacinação do país de onde veio, para que o serviço de vacinação possa conferir que vacinas serão eventualmente necessárias. A administração é gratuita.

P: Estou temporariamente a residir em casa de familiares e preciso de vacinar o meu filho. Terei de levá-lo ao serviço de saúde da nossa residência habitual ou poderei vaciná-lo no centro de saúde da morada atual?

R: É possível aceder aos serviços de vacinação de outro centro de saúde que não aquele em que está inscrito. Por motivos de mudança temporária de residência, ou outro, poderá efetuar uma inscrição temporária no da atual residência.

P: Estou grávida de 28 semanas e quando fui à consulta no meu centro de saúde disseram-me que tinha de levar a vacina do tétano. Estando grávida posso ser vacinada?- NOVA!

R: As grávidas que têm a vacina do tétano em atraso, podem e devem ser vacinadas contra o tétano a partir do 2º trimestre de gravidez. Esta vacina protege o bebé do tétano neonatal, uma situação gravíssima e muitas vezes fatal.

P: Perdi o meu boletim de vacinas. Que posso fazer para me ser passada uma 2ª via do mesmo?

R: A emissão de uma 2ª via do Boletim Individual de Saúde deve ser solicitada no centro de saúde onde o utente é habitualmente vacinado, uma vez que é nesse local que está arquivado o histórico vacinal do cidadão.

Vacinas do PNV

BCG

P: Para que serve a vacina BCG?

R: A tuberculose é uma doença grave provocada por uma bactéria que afeta os pulmões e que pode também infetar outras partes do corpo, como os rins, ossos e articulações e é também responsável pela meningite tuberculosa, situação de extrema gravidade que pode originar doença permanente do sistema nervoso central. A vacina BCG é uma vacina “viva” atenuada que protege contra as formas graves de tuberculose.

P: Quando é dada esta vacina às crianças?

R: A vacina BCG é administrada aos bebés recém-nascidos, de preferência antes de saírem da maternidade, desde que tenham mais de 2 quilos de peso. Basta uma dose para proteção prolongada. Nas crianças com mais de 2 meses de idade e nos adultos, esta vacina só poderá ser administrada após um teste específico realizado no centro de saúde.

Vacina HIB

P: O que é a vacina Hib?

R: A vacina Hib é uma vacina contra a bactéria *Haemophilus influenzae* tipo b, que pode provocar doença grave, nomeadamente pneumonia, infeções na pele ou ossos e ainda meningite, situação com uma mortalidade elevada e que com grande frequência provoca atraso mental, cegueira ou surdez. Esta infeção é rara nos maiores de 5 anos, pelo que a vacina só é dada até esta idade. A vacina Hib não é dada isoladamente, mas faz parte de uma vacina combinada.

P: Uma criança que teve a doença por esta bactéria fica protegida ou precisa de ser vacinada?

R: Esta doença pode não dar proteção a longo prazo. Uma criança que teve a doença com menos de 24 meses de idade e que recuperou deve ser vacinada tão cedo quanto possível. Não é necessário vacinar as crianças que tenham tido esta doença com mais de 2 anos de idade, mas não há qualquer problema se a criança for vacinada.

VASPR (vacina contra o sarampo, a papeira e a rubéola)

P: Porque é que é tão importante ter a vacina contra o sarampo?

R: O sarampo é uma doença provocada por um vírus que é muito contagiosa de pessoa a pessoa. Frequentemente provoca doença grave, com complicações ou morte, e para a qual não existe tratamento específico. As complicações incluem diarreia com desidratação, infeção nos ouvidos, pneumonia (a principal causa de morte nestes doentes) e encefalite, que pode provocar lesão permanente do cérebro. O sarampo durante a gravidez aumenta o risco de aborto ou parto prematuro.

P: Tenho 30 anos e vou viajar para um país onde tem havido casos de sarampo. Uma vez que tive sarampo em criança, preciso de levar a vacina?

R: Uma história credível de sarampo significa que a pessoa está protegida através da doença natural, não necessitando de vacinação adicional. Mas se a história da doença suscitar dúvidas, é recomendada a vacinação, uma vez que a vacina pode ser dada sem qualquer problema mesmo a uma pessoa que já tenha tido a doença.

Vacina contra a poliomielite

P: Porque é que a poliomielite é uma doença muito grave?

R: A poliomielite é uma doença provocada por um vírus, que pode provocar meningite, paragem respiratória, a morte e nalguns casos, a paralisia permanente com deformações (atrofia) de pernas, braços ou ambos. Não existe tratamento específico para esta doença. Está descrito que mais de um quarto das pessoas que tiveram poliomielite parálitica na infância pode desenvolver novos sintomas até 30 a 40 anos depois da doença.

Vacina contra o HPV (vírus do Papiloma humano)

P: Por que motivo é importante que as jovens sejam vacinadas contra o HPV?- NOVA!

R: O vírus do Papiloma humano, que inclui diversos tipos, é transmitido por via sexual e está presente em 99% dos cancros do colo do útero (que é o 2º cancro mais frequente na mulher). A vacina confere proteção para os dois tipos de HPV que mais frequentemente causam o cancro do colo do útero, devendo ser administrada antes do início da atividade sexual, para não haver hipóteses de a jovem se ter infetado previamente à administração da vacina.

P: A minha filha mais velha foi vacinada com 3 doses de vacina contra o HPV. Fui recentemente ao centro de saúde para vacinar a minha filha mais nova e disseram-me que agora são só duas doses. Qual o motivo desta alteração?- NOVA!

R: Os estudos realizados após a vacina ter sido utilizada em larga escala (estudos de fase IV – pós comercialização) demonstraram que, nas jovens entre os 10 e os 13 anos de idade, duas doses com 6 meses de intervalo conferem uma proteção adequada.

P: Tenho 25 anos, nunca fiz nenhuma dose de vacina HPV e pretendo vacinar-me. Que devo fazer?- ATUALIZADA!

R: Pela sua idade já não está abrangida pelo PNV, não podendo beneficiar da vacina gratuita. Deverá dirigir-se ao seu médico assistente para lhe ser passada a receita e o esquema para as 3 doses da vacina (número de doses recomendadas para as jovens a partir dos 14 anos de idade). Na posse do medicamento adquirido na farmácia, poderá dirigir-se ao seu centro de saúde, com uma cópia da receita, para lhe ser administrada a vacina.

P: Tenho 24 anos, fiz uma dose de vacina HPV aos 17 anos, porque nessa altura houve uma campanha, mas não fiz mais nenhuma dose. Pretendo completar a vacinação. Que devo fazer?

R: Deve dirigir-se ao seu centro de saúde para completar o esquema vacinal que iniciou no âmbito da campanha associada ao PNV. Nesta situação ainda poderá completar gratuitamente o esquema recomendado até aos 25 anos de idade.

P: Os rapazes também podem ser vacinados contra o vírus do papiloma humano?

R: No âmbito do PNV 2012, só as raparigas entre os 10 e os 13 anos de idade e até à véspera de completarem os 18 anos, podem iniciar o esquema da vacina contra o HPV gratuitamente. No entanto, caso o médico assistente considere adequado, e de acordo com o que está referido no documento informativo desta vacina, poderá receitar a vacina a um rapaz. Neste caso, terá

de ser passada uma receita e respetivo esquema, para a sua aquisição numa farmácia de oficina e dirigir-se ao seu centro de saúde para lhe ser administrada a vacina.

Vacina contra o tétano e a difteria

P: Porque é que o tétano e a difteria são doenças muito graves?

R: O tétano é provocado pela contaminação de qualquer tipo de feridas com esporos da bactéria *Clostridium tetani*, seguida de multiplicação local e libertação de toxinas, responsáveis pelas manifestações da doença. Estas caracterizam-se por espasmos musculares, câibras e convulsões. A contração dos músculos da mandíbula não permite a abertura da boca. Os espasmos também afetam os músculos da garganta, do tórax, do abdómen e dos membros. Os efeitos da toxina nos músculos respiratórios podem provocar a morte por sufocação. Ainda hoje não existe tratamento específico para esta doença, em que 30% dos doentes acabam por morrer.

A difteria é uma doença grave provocada pela bactéria *Corynebacterium diphtheriae*, que produz toxinas que podem causar a morte por obstrução da via aérea (pela formação de membrana na garganta), falência cardíaca e renal, paralisia dos músculos da deglutição e pneumonia.

P: O que é a Td?

R: Td é a vacina contra o tétano e a difteria que é administrada aos indivíduos com idade igual ou superior a 7 anos e é dada toda a vida com intervalos de 10 anos.

P: Porque é que a vacina contra o tétano tem de ser dada de 10 -10 anos durante toda a vida?

R: Quer o tétano doença quer a vacina não dão proteção a longo prazo, pelo que é sempre necessário fazer o reforço de 10 em 10 anos. Por outro lado, esta é uma vacina que não dá a chamada imunidade de grupo – só está mesmo protegido quem tem a vacina em dia.

Outras vacinas

Vacinas para viajantes

P: Vou viajar em trabalho/férias para fora da Europa. De que vacinas preciso?

R: As vacinas e outras medidas protetoras de que necessita dependem do país para onde se vai deslocar, da zona, da duração da viagem, das condições e do tempo de alojamento, da sua idade e do seu estado de saúde. Deverá recorrer a uma consulta do viajante com alguma antecedência (idealmente 2-3 meses), de modo a, caso seja necessário vacinar-se, possa já estar, pelo menos parcialmente, protegido quando iniciar a viagem. Poderá obter informações sobre os locais e horários das Consultas do Viajante através do seu centro de saúde ou no Portal da Saúde. Complementarmente, poderá consultar o sítio da *internet* da DGS onde está disponível informação sobre a prevenção de doenças para quem vai viajar.

P: Vou viajar em trabalho/férias para um país da Europa. Preciso de receber que vacinas?

R: No geral, as viagens para países da Europa não requerem nenhuma vacina particulares. No entanto, para alguns países ou no caso de eventos que atraem multidões de muitas proveniências, podem ser aconselhadas certas vacinas (p. e. sarampo, encefalite da carraça e outras). Poderá também consultar o sítio da DGS onde está disponível informação sobre a prevenção de doenças para quem vai viajar. É importante que verifique se tem o seu Boletim Individual de Saúde em dia para as vacinas recomendadas para a sua idade e estado de saúde.

Vacinas para adultos

P: Na minha profissão contacto com microrganismos que podem transmitir doenças. De que vacinas necessito?

R: A avaliação dos riscos devidos à atividade profissional é da competência dos serviços de saúde ocupacional da empresa onde trabalha, que disponibilizarão toda a informação e recomendações para a proteção através da vacinação.

Mitos sobre a vacinação

“As doenças começaram a diminuir antes das vacinas, devido às melhores condições de higiene”

A melhoria da higiene e a disponibilidade de água potável permitiram controlar muitas doenças infecciosas, não evitando, no entanto, a circulação dos micro-organismos causadores das doenças evitáveis pela vacinação. Só a vacinação em larga escala consegue evitar a ocorrência das doenças alvo da vacinação, levando ao seu controlo ou mesmo eliminação. A erradicação da varíola no mundo (declarada pela Organização Mundial da Saúde em 1980) só foi possível quando globalmente se atingiram elevadas coberturas vacinais.

Mesmo com boas condições de higiene, interromper a vacinação levaria ao reaparecimento dessas doenças, com as consequentes mortes e incapacidades evitáveis, como está a acontecer com o sarampo.

“As doenças evitáveis pela vacinação estão praticamente eliminadas, pelo que não há razão para vacinar o meu filho”

As doenças atualmente evitáveis pela vacinação ainda ocorrem em diversas partes do mundo, incluindo a Europa.

Há dois motivos principais para vacinar:

- A proteção individual: apesar de estas doenças serem atualmente raras em Portugal, qualquer pessoa não protegida pode ser infetada e adoecer. Uma criança não vacinada poderá adquirir a doença se viajar para locais onde a doença ainda não está controlada ou se contactar com uma pessoa infetada/doente proveniente desses locais. No regresso poderá ainda trazer essas doenças para o nosso país, contagiar pessoas não protegidas e originar surtos.
- A proteção da comunidade: em países/regiões/locais com elevadas coberturas vacinais a comunidade beneficia da chamada imunidade de grupo, isto é, quanto maior a proporção de pessoas vacinadas menor a circulação do micro-organismo causador da doença, com proteção indireta das pessoas não vacinadas. A imunidade de grupo confere proteção aos que não podem ser vacinados, por exemplo, por não terem atingido ainda a idade recomendada para a administração de vacinas.

“É preferível ficar imunizado pela doença do que pelas vacinas”

Apesar de, geralmente, conferir proteção contra infeções posteriores, a doença natural pode evoluir com complicações graves e morte. E mesmo uma criança saudável pode desenvolver complicações. A vacinação é muito mais segura – através das vacinas o sistema imunitário é capaz de garantir proteção a longo prazo, sem o risco acrescido das complicações que a doença acarreta.

“As vacinas podem causar reações adversas graves, doenças e até a morte”

As vacinas atualmente são muito seguras e eficazes. Ao longo da história do Programa Nacional de Vacinação (PNV) foram introduzidas vacinas cada vez mais seguras, como aconteceu, por exemplo, com as vacinas contra a poliomielite e contra a tosse convulsa.

As reações adversas mais frequentes são ligeiras e de curta duração, ocorrendo, na sua maioria, no local da injeção. A febre após a vacinação é frequente. Estas reações podem, se necessário, ser controladas com medicação.

O risco de uma criança ter uma reação adversa a uma vacina é muito inferior ao risco de uma complicação grave da doença que essa vacina previne. Além disso, não é possível saber, antecipadamente, quais as crianças em que a doença poderá evoluir com complicações ou morte.

As vacinas, tal como qualquer medicamento, são alvo de um sistema de vigilância apertado, garantindo que qualquer reação anormal seja exaustivamente investigada, o que, com tantos anos de experiência e muitos milhões de vacinas administradas em todo o mundo, permite afirmar que as vacinas têm um elevado grau de segurança, eficácia e qualidade.

A notificação oficial de reações adversas às vacinas pelos profissionais de saúde é obrigatória.

“Administrar múltiplas vacinas simultaneamente para doenças diferentes pode sobrecarregar o sistema imunitário”

Um dos objetivos do PNV é a proteção, o mais precocemente possível, contra o maior número possível de doenças, cujas consequências, a nível individual e coletivo, estão inequivocamente demonstradas.

Estudos científicos provam que a administração simultânea de várias vacinas não aumenta as reações adversas. Independentemente da vacinação, no dia a dia, a criança está exposta a inúmeros estímulos infecciosos, estando o sistema imunitário preparado para lidar com todos eles.

Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico levou ao aumento do número de componentes das chamadas vacinas combinadas. A proteção contra várias doenças com uma única injeção, diminuindo o número de injeções que a criança teria de receber se cada uma das vacinas fosse administrada em separado, tem por objetivo a humanização e melhor adesão aos esquemas vacinais, principalmente no primeiro ano de vida.

“Preferia que o meu filho não apanhasse todas essas vacinas hoje”

Não há risco acrescido de reações secundárias na administração simultânea das vacinas recomendadas para determinada idade. Atrasar algumas vacinas é deixá-lo vulnerável a essas doenças. O ideal é cumprir o esquema recomendado, que está estudado para dar a melhor proteção, o mais cedo possível e de acordo com a idade da criança.

“As vacinas podem provocar autismo”

Há alguns anos, em Inglaterra, foi publicado um estudo afirmando que a vacina contra o sarampo/papeira/rubéola (VASPR) provocava autismo. Este estudo foi totalmente

desacreditado, tendo revelado deficiências graves na metodologia e conflitos de interesse provados juridicamente.

O autismo é uma doença em que a idade do diagnóstico coincide, em geral, com a idade em que são administradas as vacinas, nomeadamente a vacina VASPR. Muitos estudos científicos credíveis demonstraram que, apesar da coincidência temporal, não existe uma relação causal.

Conclusão: A vacinação pode ser vítima do seu próprio sucesso. A eliminação ou o controlo das doenças evitáveis pelas vacinas incluídas no PNV pode alterar a perceção do risco, com a falsa sensação de que há um maior risco decorrente da administração das vacinas do que das doenças por elas prevenidas. As vacinas são seguras e eficazes. Todas as crianças e adultos devem cumprir os esquemas de vacinação recomendados para a sua idade e estado de saúde.

Recusa vacinal

P: Tenho lido na *internet* que as vacinas são mais prejudiciais do que benéficas para as crianças, por terem químicos e vírus e por suprimirem o sistema imunitário. É verdade?

R: A verdade é que as vacinas salvam mais vidas do que qualquer outro tratamento médico. A sua utilização generalizada ao longo de décadas, através dos programas de vacinação, contribuiu para controlar a elevada mortalidade e as complicações (a curto e a longo prazo) de várias doenças contagiosas, que eram um verdadeiro flagelo no passado. Os efeitos secundários das vacinas, que são raros e estão identificados, são muito inferiores aos danos causados pelas doenças contra as quais essas vacinas protegem. Por outro lado, as vacinas que estão incluídas no PNV são aprovadas tendo em atenção a sua qualidade, eficácia e segurança. Sabemos também que, nos países em que há grande contestação às vacinas, com bases não científicas, estão a ressurgir doenças que já estavam controladas (como p. e. o sarampo), com casos mortais e incapacidades para o resto da vida, situações que poderiam ter sido prevenidas.

P: É obrigatório ter as vacinas atualizadas quando da matrícula num estabelecimento de ensino?

R: O PNV é um programa universal, gratuito e acessível a todas as pessoas presentes em Portugal. A DGS recomenda veementemente o cumprimento do PNV, uma vez que o mesmo permite reduzir o impacto das doenças alvo da vacinação na saúde do indivíduo e da população. O seu cumprimento não é legalmente obrigatório.

P: Será que tenho mesmo de vacinar o meu filho, uma vez que há muitas crianças vacinadas e assim o meu filho também fica protegido?

R: Todas as crianças devem ser vacinadas nas idades recomendadas desde que não tenham uma verdadeira contraindicação (o que será determinada pelo médico assistente). Qualquer criança não vacinada permanece suscetível às doenças e suas complicações (que podem ser muito graves e não se consegue prever em quem surgirão – o facto de ser uma criança saudável não significa que não vai ter complicações), por não ter imunidade natural (uma vez que não teve a doença) ou adquirida (pela vacinação). Para a maioria das doenças do PNV, o seu controlo depende da manutenção de uma proporção elevada de pessoas vacinadas. Neste sentido, a recusa individual da vacinação compromete o interesse coletivo, uma vez que uma criança não vacinada por opção dos pais, se adoecer, pode contagiar outras crianças não vacinadas por contraindicação médica comprovada ou por ainda não terem idade para ter iniciado ou completado a vacinação.

P: Quais são os riscos se eu optar por não vacinar o meu filho?

R: Se optar por não vacinar o seu filho deverá ter presente que o fará correr riscos desnecessários quanto à saúde e quanto à vida. No entanto, caso tome essa opção, há alguns cuidados a ter, nomeadamente:

- Se o seu filho adoecer e tiver de recorrer a um serviço de saúde, deve avisar imediatamente os profissionais de saúde que a criança não recebeu todas ou algumas das vacinas recomendadas para a sua idade, uma vez que é necessário nestes casos considerar que a criança pode ter uma doença evitável pela vacinação
- Se aparecer na escola alguma criança com uma doença evitável pela vacinação, o seu filho terá de cumprir um período de afastamento da escola e doutras atividades de grupo até haver a certeza que não contraiu a doença e não a irá disseminar. Esse período varia conforme a doença (que pode ser de dias ou semanas).
- Se o seu filho viajar, deve ter presente que muitas das doenças que estão controladas no nosso país ainda circulam noutros países, como por exemplo o sarampo, pelo que o seu filho não estará protegido. Para além de adoecer, pode trazer de novo a doença para Portugal quando regressar e contagiar outras crianças não vacinadas.

Quanto maior for o número de pais que optam por não vacinar os filhos, maior é o risco de disseminação das doenças evitáveis pela vacinação. Ao decidir não vacinar, não põe só o seu filho em risco mas também toda a comunidade.

Legenda Siglas e abreviaturas

BCG - Vacina contra a tuberculose

CTV – Comissão Técnica de Vacinação

DGS - Direção-Geral da Saúde

Hib - Vacina contra a doença provocada pela bactéria *Heamophilus influenza* tipo b

HPV - Vacina contra a doença por vírus do Papiloma humano

PNV - Programa Nacional de Vacinação

Td- Vacina contra a difteria-tétano para o adulto

VASPR- Vacina contra o sarampo, parotidite epidémica (papeira) e rubéola

Bibliografia e *links* úteis

DGS *site* Vacinação

Programa Nacional de Vacinação 2012

Boletim Vacinação

Boletim Vacinação nº 1, março de 2012 - PNV - Avaliação 2011

Boletim Vacinação nº 2, abril de 2012 - Semana Europeia da Vacinação

Boletim Vacinação nº 3, maio de 2012 - A reemergência do sarampo

Boletim Vacinação nº 4, junho de 2012 - Mitos sobre a vacinação

Boletim Vacinação nº 5, julho de 2012 - Vacinação do adulto contra o tétano

Boletim Vacinação nº 6, abril de 2013 - Semana Europeia da Vacinação e Avaliação do PNV 2012

Boletim Vacinação nº 7, abril 2014 - PNV - Avaliação 2013

Boletim Vacinação nº 8, edição especial, abril 2014 - A vacinação contra o vírus do papiloma humano (HPV) em Portugal

National Health System choices A to Z Vaccinations:

Parents-questions-about-childhood-vaccinations

How-vaccines-work

WHO/Europe Immunization Resource Centre

WHO/Europe Immunization Resource Centre – Seven Key Reasons to immunize in the European Region

Asociación Espanola de Vacunologia – Información al público

Portal de vacunas de la Asociación Espanola de Pediatría – Preguntas e Respuestas

American Academy of Pediatrics – immunization Frequently Asked Questions

CDC Parent's Guide to Immunizations – Frequently asked questions

Immunization Action Coalition – Talking with parents resources

National Network for Immunization Information – Vaccine misinformation

Canada caring for kids – Illness and infections and immunization/parents guide to the internet

Canada caring for kids- Immunization information on the internet

Immunize – Australia Program - Frequently Asked Questions

Corpo editorial:

Ana Leça, Etelvina Calé, Graça Freitas; Isabel Castelão, Paula Valente, Teresa Fernandes

Publicado em Abril 2014

Atualizado em Abril de 2015



Alameda D. Afonso Henriques, 45
1049-005 Lisboa - Portugal
Tel: +351 21 843 05 00
Fax: +351 21 843 05 30
E-mail: geral@dgs.pt